



por Alex Fisberg

Mochila Social

Um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África

Projeto Educativo

"Mochila Social: uma oportunidade de construir um mundo mais consciente"



1

Introdução

2

O Livro

3

O Autor

5

Estudos
de Caso

4

Projeto
Educativo

7

de Material
de apoio

6

Atividades
Propostas

8

Contato



INTRODUÇÃO

1



Caro Educador,

Você recebeu este guia referente ao livro **“Mochila Social: um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África”**, escrito pelo jovem jornalista Alex Fisberg. Nele, você fará parte de uma expedição de mais de quatro meses por 6 países do leste africano, incluindo o maior campo de refugiados do mundo, em Dadaab, com mais de 450 pessoas. Além de explorar um outro lado do continente africano, o livro é uma **oportunidade de refletir com seus alunos as diferenças sociais que existem ao nosso redor e o que podemos fazer, individual e coletivamente, para buscar soluções.**

Neste guia você encontrará uma série de atividades cujo maior objetivo é **proporcionar a seus educandos uma experiência que lhes permita enxergar seu entorno com mais clareza, mais otimismo e com potencial de real intervenção.** A intenção é que sejam propostas ideias e soluções possíveis de serem levadas para frente. De maneira geral, queremos despertar a oportunidade de nossas crianças e jovens se permitirem enxergar, não só um mundo melhor e possível, mas um lugar neste mundo em que elas possam usufruir a totalidade de seus potenciais.

Sendo assim, este guia divide-se em duas grandes partes. A primeira tem como objetivo auxiliar a leitura acompanhada do livro com seus educandos e despertar interesses diversos relacionados ao desenvolvimento social e comunitário, **inspirando-se em uma experiência pelo leste da África para construir nossa própria identidade.** A segunda parte deste guia traz uma série de atividades possíveis de serem desen-

volvidas em ambientes fechados ou externos, valorizando a descoberta do olhar e a organização de pequenos planos de ação comunitária.

O livro “Mochila Social: um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África” foi todo ilustrado pela Casa Rex com sobreposições de fotos tiradas no leste da África, pelo próprio autor Alex Fisberg. Neste Guia traremos algumas dessas fotos em seu estado original para alimentar o debate e permitir reflexões acerca da realidade africana em comparação com a de muitas cidades brasileiras contemporâneas.

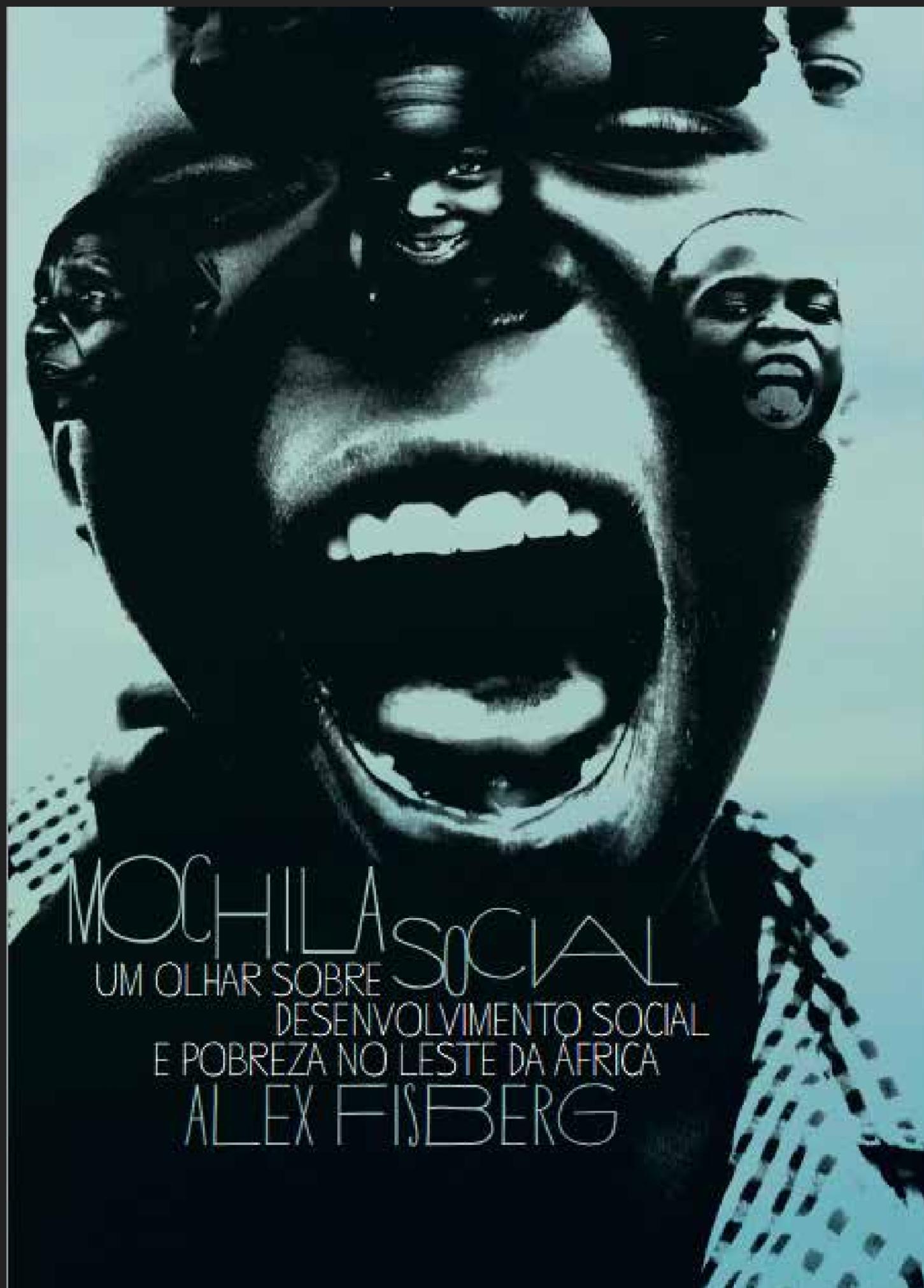
O projeto educativo deste livro tem como objetivo **permitir**

a mais pessoas enxergar mudanças significativas e possíveis, além de inspirar outros jovens a rumar em direção a seu propósito, acreditando ser possível realizar projetos independentes ou em grupos de ação social. A melhoria das condições de vida do nosso planeta esta em nossas mãos e, para isso, **precisamos nos formar com um direcionamento claro de que já possuímos as ferramentas e conhecimento necessários para realizar esta transformação, ainda nesta geração.**



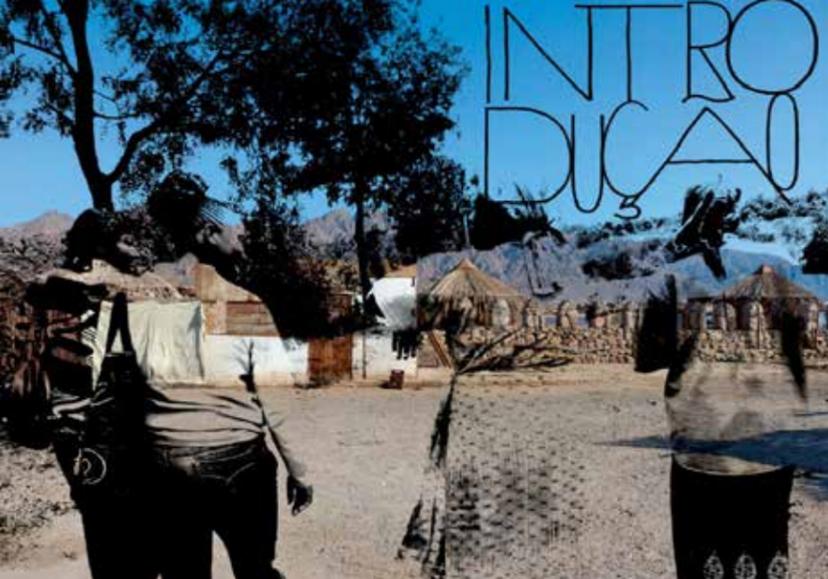
O LIVRO

2



INDICAÇÃO: ENSINO MÉDIO, ENSINO DE JOVENS E ADULTOS - EJA, UNIVERSIDADES, ETEC's E ESPAÇOS INFORMAIS DE APRENDIZADO

A proposta é utilizar o livro como referência para desenvolver atividades nas respectivas disciplinas e/ou projetos multi e interdisciplinares. A temática do livro incentiva a criação e desenvolvimento de atividades, pesquisas, reflexões, debates em todas as disciplinas do currículo básico e temas transversais. É possível contextualizar e conectar o conteúdo programático, desenvolvendo atividades de acordo com as necessidades de cada série/idade e adequar aos planejamentos bimestrais, semestrais e anuais. Por se tratar de assuntos de grande identificação com o público adolescente e jovem os professores podem promover inúmeras atividades práticas, de ampliação de repertório e de reflexão crítica.



Durante mais de quatro meses, o jornalista Alex Fisberg viajou por países como **Egito, Etiópia, Quênia, Uganda, Ruanda, e Tanzânia** com uma mochila nas costas em busca de experiências relevantes na área de **desenvolvimento social e erradicação da pobreza**. O projeto “Mochila Social” pretendia atrair e inspirar também outros jovens interessados em explorar seus próprios arredores com um olhar voltado ao que pode ser feito para contribuir para a **melhoria das condições de vida das pessoas**.

Com o objetivo de ampliar a discussão sobre o que é pobreza e o que já vem sendo feito na tentativa de erradicá-la ao redor do mundo, Alex produziu, além do livro completamente ilustrado, um site com materiais pedagógicos disponíveis gratuitamente para que professores trabalhem o conteúdo com seus alunos e um audiolivro adaptado a pessoas com dificuldades de leitura.

Jovem, observador e reflexivo, o livro pretende organizar, através de uma experiência individual, a **possibilidade de construção de uma sociedade mais consciente de seu entorno**, mas responsável por suas ações. O livro é uma oportunidade de conhecer diferentes realidades e faces da pobreza, além de desmistificar o continente africano para uma realidade mais próxima à vivida no Brasil. **Questões e reflexões sobre as condições reais de vida e moradia servem para atrair a atenção para que ações sejam tomadas na realização do potencial de desenvolvimento que já somos capazes de promover, em qualquer lugar.**

EGITO

O Egito foi o primeiro país do projeto e serviu como ponto de transição entre o Oriente Médio e a África. Apesar da maior parte do tempo ter sido cruzando o país desde o deserto do Sinai, pude **conversar com alguns jovens sobre os acontecimentos recentes da Primavera Árabe e os impactos na população**. Durante a minha passagem, o ex-ditador Mubarak estava sendo julgado e posteriormente condenado por crimes realizados na ditadura de décadas do Egito.

ETIÓPIA

O mais intenso dos países visitados. A Etiópia proporciona riqueza de experiências humanas, exacerbando o contraste entre a **intensidade cultural e as desigualdades sociais** estampadas tanto na área urbana quanto rural (maioria absoluta do país).

O contato direto com a realidade da capital Addis Ababa expõe a dualidade entre a força de uma cultura nunca colonizada formalmente e os impactos das mais diferentes influências internacionais. Explorando desde o Mercado, considerado **um dos maiores mercados públicos a céu aberto da África**, até a região norte rural e turística do país, pude observar e aprender muito com a forma etíope de convívio entre estas diversidades.

QUÊNIA

O Quênia foi o terceiro país visitado. Passando por Nairobi, Kisumu e uma viagem à Dadaab, pude explorar o setor social através de diferentes pontos de vista: desde visitas a projetos de agências da ONU até microprojetos dentro das favelas de Kibera, Mathare e Korogocho. Foi também uma oportunidade de conhecer a capital queniana e suas **similaridades e diferenças com São Paulo**, na distribuição espacial de riquezas e na influência ao resto da região leste da África. Uma imersão interessante no cotidiano do quenianos permitiu um olhar aprofundado sobre o país no qual passei mais tempo.

UGANDA

As expectativas para Uganda eram de poder conhecer um pouco a **capital Kampala** e uma breve passagem em um projeto de arte-educação na estrada para Entebbe. Porém, fui surpreendido por três pessoas que fizeram da experiência umas das mais ricas na região. A favela de Namuwongo tornou-se o centro da minha pesquisa e envolvimento, proporcionando grandes reflexões e muitos aprendizados sobre as condições de vida em uma favela na África.

Fortes imagens foram produzidas apenas apontando a câmera fotográfica para a realidade de Uganda, seja em suas favelas ou no conturbado centro de Kampala.

DADAAB/SOMÁLIA

Dadaab é o maior campo de refugiados do mundo, atingindo mais de 450.000 pessoas no segundo semestre de 2011. Com os avanços do grupo Al Shabaab na Somália, mais de 140.000 somalis fugiram do país, se refugiando do outro lado da fronteira queniana ou etíope. Com a superpopulação do complexo de Dadaab (construído nos anos 80 para abrir o máximo de 90.000 pessoas), milhares de refugiados começaram a ocupar as regiões do entorno de Dadaab, **causando uma crise humanitária ainda maior**. Vale lembrar que a região sofre periodicamente com as secas e com o isolamento de infraestruturas, para além dos conflitos humanos.

RUANDA

Quando cheguei a Ruanda, tomei um susto. A paisagem organizada e florida chocava-se com a percepção dos três países visitados anteriormente. O desenvolvimento urbano de Kigali reflete uma mudança de postura pública e uma maneira diferenciada de se governar o país.

Já as marcas do genocídio de 1994 não podem ser escondidas em praticamente nenhum contexto, proporcionando grande aprendizado na forma como o país - por meio de iniciativas privadas - tenta se restabelecer do trauma que assolou uma geração inteira.

A minha identificação pessoal com a história do genocídio fez com que a experiência transcendesse o olhar crítico e distanciado e se envolvesse emocionalmente com os jovens ruandeses e suas tentativas de recomposição.

TANZÂNIA

Chegar na Tanzânia foi bem conturbado, nas mais de 30 horas de ônibus. Porém, de Arusha, no nordeste do país, até Dar el Salaam, na costa leste, pude conhecer **projetos inovadores de urbanização e desenvolvimento de favelas**, além de conhecer o tribunal internacional da ONU sobre o genocídio no país vizinho, Ruanda.

Tive a oportunidade também de imergir por alguns dias em um projeto incrível em Magoma, **um vilarejo na região central do país** e uma passada rápida pela ilha de Zanzibar, território autônomo da Tanzânia.

O envolvimento com organizações internacionais e locais permitiu um **olhar mais aprofundado sobre a situação dos moradores de favelas em duas cidades de importância política e econômica na Tanzânia**.

ALEX FISBERG

é jornalista, escritor e pesquisador em desenvolvimento social e pobreza.

Você sabia? Em uma pesquisa realizada no leste da Índia, entre os estados de Bhubaneswar, Andhra Pradesh e Tamil Nadu o jornalista encontrou muitas semelhanças na migração de trabalhadores rurais para os grandes centros urbanos em crescimento exponencial. Os agricultores eram forçados à migrar de suas vilas para trabalhar na construção civil, normalmente traficados e em regime de semi escravidão (escravidão por dívida e maus tratos). Neste contexto, sua família também era vítima deste mercado e obrigada a morar e trabalhar na obra, dificultando o envolvimento das crianças em atividades escolares. Algumas iniciativas de organizações - como a francesa Aide Et Action - propunham a criação de escolas dentro do canteiro de obras, com professores preparados para ensinar estas crianças migrantes.

DEBATE: E no Brasil? O que sabemos sobre as escolas de lata e ações inovadoras de educação de crianças em constante migração? Faça uma pesquisa sobre o que existe de soluções inovadoras ou improvisadas na sua região para atender populações com dificuldade de acesso a educação formal. Discuta com seus educandos o que pode ser feito em situações como essa e proponha soluções reais para os casos encontrados na pesquisa.

3

Sobre
o autor



Graduado pela PUC-SP, atuou como profissional e voluntário em diversas iniciativas sociais brasileiras enfocando temas como educação, moradia, comunicação, segurança pública, desenvolvimento social e comunitário e Pobreza. Em 2009 foi selecionado como empreendedor social pelo programa IAM – Iniciativa Jovem Anhembi Morumbi e em m 2010 foi aprovado no Social Change Leadership Development Program in Israel and India - LIFE.

Esteve na Índia por 5 meses pesquisando o setor social, com ênfase em favelas urbanas, moradia e infra-estrutura básica. Ao mesmo atuou como voluntário da equipe global da Ayllu Iniciativerealizando um mapeamento dos negócios sociais na Índia e trabalhou junto a Aide et Action International South Asia, acompanhando o ciclo migratório de trabalhadores semi-escravos no leste indiano . No início de 2011, mudou-se para Israel para trabalhar com cooperação internacional em Israel por meio do Weitz Center for Development Studies, uma agência do ministério das relações exteriores do país. Teve a oportunidade de organizar e lecionar no

curso em parceria com a UN-Habitat “Integrated Approach for Upgrading Slums”. Percorreu diversas cidades da Autoridade Palestina, envolvendo-se com organizações que lidam com os conflitos árabes-israelenses e diversas outras iniciativas da sociedade civil.

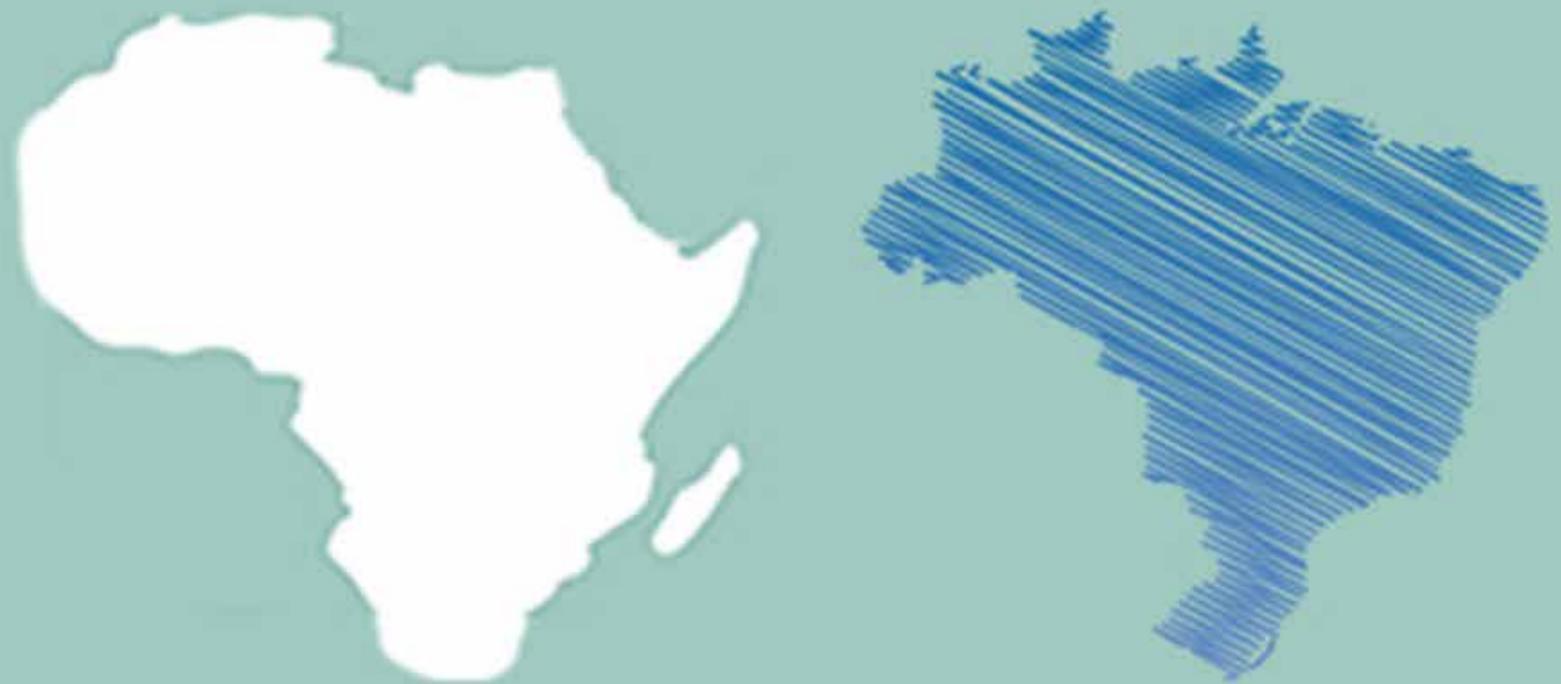
Durante mais de 4 meses, realizou uma expedição pelo leste africano em busca de experiências e iniciativas relacionadas ao desenvolvimento social e erradicação da pobreza. É idealizador e autor do projeto Mochila Social. É autor dos livros “Vida nos Campos da Morte (2010)” e “Mochila Social: um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África (2013)”. É pós graduado em Habitação e Cidade, com ênfase em Urbanização de favelas e atua com desenvolvimento, articulação e aceleração de projetos e organizações com impacto social.

Especializa-se em Desenvolvimento Social e Pobreza buscando criar uma rede de pessoas e organizações que possam contribuir para a erradicação total da Pobreza

MOCHILA SOCIAL

UM OLHAR SOBRE
DESENVOLVIMENTO SOCIAL
E POBREZA NO LESTE DA ÁFRICA

Muito em comum, muito para aprender.



Muito para desenvolver.

SOBRE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Chegamos aos sete bilhões de habitantes. Somos muitos, vivendo cada vez mais apertados em centros urbanos lotados e com perspectivas de deixar estes números cada vez mais assustadores. Mas será que, como sociedade, estamos nos desenvolvendo então? Crescimento econômico é a mesma coisa que desenvolvimento?

Para começar a discutir o que podemos fazer para melhorar nosso entorno, é fundamental expandir o conceito de Desenvolvimento Social para além das questões meramente econômicas. Em 1993, foi criada por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, uma alternativa ao PIB (Produto Interno Bruto), indicador mais utilizado até então. Com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), os dois economistas propuseram mais do que apenas um indicador, foi uma importante mudança na abordagem de como se entendia o Desenvolvimento Social.

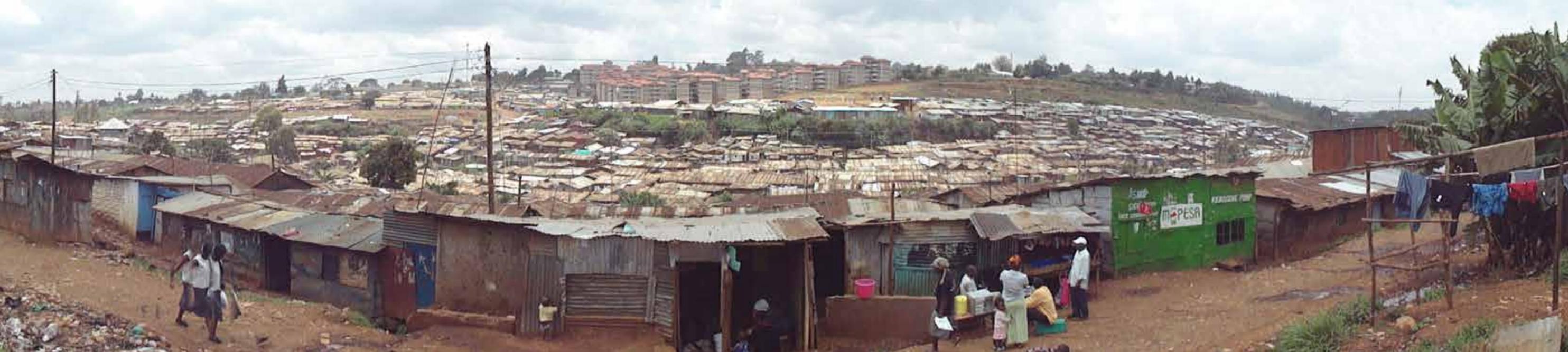
“Vivemos um mundo de opulência sem precedentes, mas também de privação e opressão extraordinárias. O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de cidadão” (Amartya Sen)

O conceito de desenvolvimento humano nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser. Amartya Sen escreveu anos mais tarde no livro “Desenvolvimento como liberdade”, uma abordagem completamente focada na criação de oportunidades para pessoas em situação de pobreza, procurando enxergar a essência do que se pode fazer para garantir uma vida mais digna para além dos números. A renda é importante, mas como um dos meios do desenvolvimento e não como seu fim. É uma mudança de perspectiva: com o desenvolvimento humano, o foco é transferido do crescimento econômico, ou da renda, para o ser humano.

(fonte PNUD Brasil): O IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, o IDH não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da “felicidade” das pessoas, nem indica “o melhor lugar no mundo para se viver”. Democracia, participação, equidade, sustentabilidade são outros dos muitos aspectos do desenvolvimento humano que não são contemplados no IDH. O IDH tem o grande mérito de sintetizar a compreensão do tema e ampliar e fomentar o debate.

Desde 2010, quando o Relatório de Desenvolvimento Humano completou 20 anos, novas metodologias foram incorporadas para o cálculo do IDH. Atualmente, os três pilares que constituem o IDH (saúde, educação e renda) são mensurados da seguinte forma:

- Uma vida longa e saudável (saúde) é medida pela expectativa de vida;
- O acesso ao conhecimento (educação) é medido por: i) média de anos de educação de adultos, que é o número médio de anos de educação recebidos durante a vida por pessoas a partir de 25 anos; e ii) a expectativa de anos de escolaridade para crianças na idade de iniciar a vida escolar, que é o número total de anos de escolaridade que um criança na idade de iniciar a vida escolar pode esperar receber se os padrões prevaletentes de taxas de matrículas específicas por idade permanecerem os mesmos durante a vida da criança;
- E o padrão de vida (renda) é medido pela Renda Nacional Bruta (RNB) per capita expressa em poder de paridade de compra (PPP) constante, em dólar, tendo 2005 como ano de referência.



SOBRE POBREZA

"Não acredito que existam pobres por aí. Afinal, Pobreza é uma condição mutável, uma soma de fatores organizados ou desorganizados de forma a desequilibrar o funcionamento justo de uma vida humana."

É muito difícil definir pobreza. Por outro lado, todo afirma saber exatamente o que ela é. Neste exercício, vamos nos deparar com uma série de definições dadas por especialistas no assunto e leigos, pessoas comuns dando a sua opinião sincera sobre o que enxergam ser este conceito.

Para começar o debate, peça para que cada um escreva em um pedaço de papel, a resposta para estas duas perguntas:

- 1) O que é pobreza?
- 2) O que falta para construirmos um mundo sem pobreza?

Em seguida, permita que todos compartilhem suas respostas e justifiquem suas escolhas. Cada palavra é importante, cada expressão reflete uma maneira diferente de enxergar o mesmo conceito.

Agora, escolha algumas das definições a seguir e proponha um debate sobre o que cada definição tem em comum, quais os pontos que se diferenciam e o que se pode aprender com cada uma destas visões sobre pobreza.

"Pobreza é fome. Pobreza é falta de abrigo. Pobreza é ficar doente e não ter acesso a um médico. Pobreza é não ter acesso à escola e não saber ler ou escrever. Pobreza é não ter um trabalho, temer pelo futuro, vivendo um dia de cada vez. Pobreza é perder uma criança para uma doença trazida por água contaminada. Pobreza é falta de poder, de representatividade e de liberdade.

A pobreza tem muitas faces, diferenciando-se de lugar pra lugar e através do tempo, e vem sido descrita de diversas formas. Na maioria das vezes, a pobreza é uma situação da qual as pessoas querem escapar. Então, a pobreza se torna um "chamado para a ação" – tanto para os pobres quanto para os em melhor situação. Um chamado para mudar o mundo para que muitos mais possam ter algo para comer, um abrigo adequado, acesso à educação e serviços de saúde de qualidade, proteção contra a violência e uma voz no que acontece em seu ambiente."

Retirado do site do Banco Mundial. Tradução livre do autor.

A palavra "pobre" veio do latim "pauper", que vem de "pau-" = "pequeno" e pario = "dou à luz" e originalmente referir-se-ia a terrenos agrícolas ou gado que não produziam o desejado

Do dicionário Aurélio:

1. Estado ou qualidade de pobre.
2. Falta do necessário à vida; escassez, indigência, penúria.
3. A classe dos pobres.
4. Pequeno número, pouca abundância.

COMPARTILHE SUAS EXPERIÊNCIAS!
(www.mochilasocial.com/escolas)

“Fundamentalmente, pobreza é uma negação de escolhas e oportunidades, uma violação da dignidade humana. Significa ausência da capacidade básica de participar efetivamente na sociedade. Significa não possuir o suficiente para alimentar e vestir a família, não ter uma escola e posto de saúde para ir, não ter terras onde cultivar o alimento ou um emprego para gerar renda e ainda não ter acesso ao crédito quando necessário. Significa insegurança, ausência de poder e exclusão de indivíduos, cidadãos e comunidades. Significa também suscetibilidade à violência e muitas vezes implica viver em ambientes marginais e frágeis, sem acesso a água ou saneamento.”

ONU – extraído do UN Statement, June 1998 em inglês

Pobreza Absoluta foi definida como “uma condição caracterizada pela severa privação de necessidades humanas básicas, incluindo alimento, água potável, saneamento básico, saúde, abrigo seguro, educação e informação. Depende não somente da renda, mas também do acesso a estes serviços.”

Pobreza em Geral toma diferentes formas, incluindo “ausência de renda e recursos produtivos para garantir meios de subsistência sustentáveis; fome e desnutrição; saúde deficitária; falta ou limite de acesso à educação e outros serviços básicos; crescente mortalidade advinda de doenças tratáveis; falta de moradia ou moradias inadequadas; ambientes inseguros e discriminação e exclusão social. Também se caracteriza pela ausência de participação em tomadas de decisão e em aspectos da vida civil, social e cultural (...)”

World Summit on Social Development in Copenhagen (1995)

“Pobreza é não ter o mínimo necessário para existir neste mundo com dignidade humana, e, conseqüentemente, não poder atingir suas potencialidades.”

S.S. - 22 anos. Brasil

“É a incapacidade na escolha dos direitos que - se mantido por um período prolongado de tempo - provoca uma vulnerabilidade social permanente do indivíduo ao não contar com um acesso regular a garantias mínimas como moradia, trabalho, educação, saúde, justiça e crédito”

R.M. - Advogado, 27 anos. Chile

“É difícil definir, mas eu acho que simplesmente muito mais do que um estado econômico ou social, é um estado de profunda conformidade com sua situação, sem vislumbres a modificações no curto ou longo prazo. É um estado de apatia, quase determinístico, fundado não apenas no meio que se impõe sobre o indivíduo e que afeta a sua existência física, como a falta de habitação, infraestrutura, dinheiro, e outras coisas, mas também é incutir, num estágio mais profundo, a ideia de não dominar seu próprio destino, de impossibilitar sua mudança de condição, de caracterizar e encontrar a si próprio como alguém que está relegado a se manter desta maneira. Mais do que um estado físico, pobreza é um estado psíquico.”

A.M. - Arquiteto urbanista, 23 anos. Brasil

SOBRE POBREZA

“Pobreza é a impossibilidade material e simbólica de concretizar as aspirações básicas de um indivíduo.

Pobreza é viver na eterna falta de meios de subsistência. Pobreza é portanto o estado aonde as preocupações com a sobrevivência consomem todas as energias que o indivíduo poderia gastar desenvolvendo seu potencial criativo e humano.”

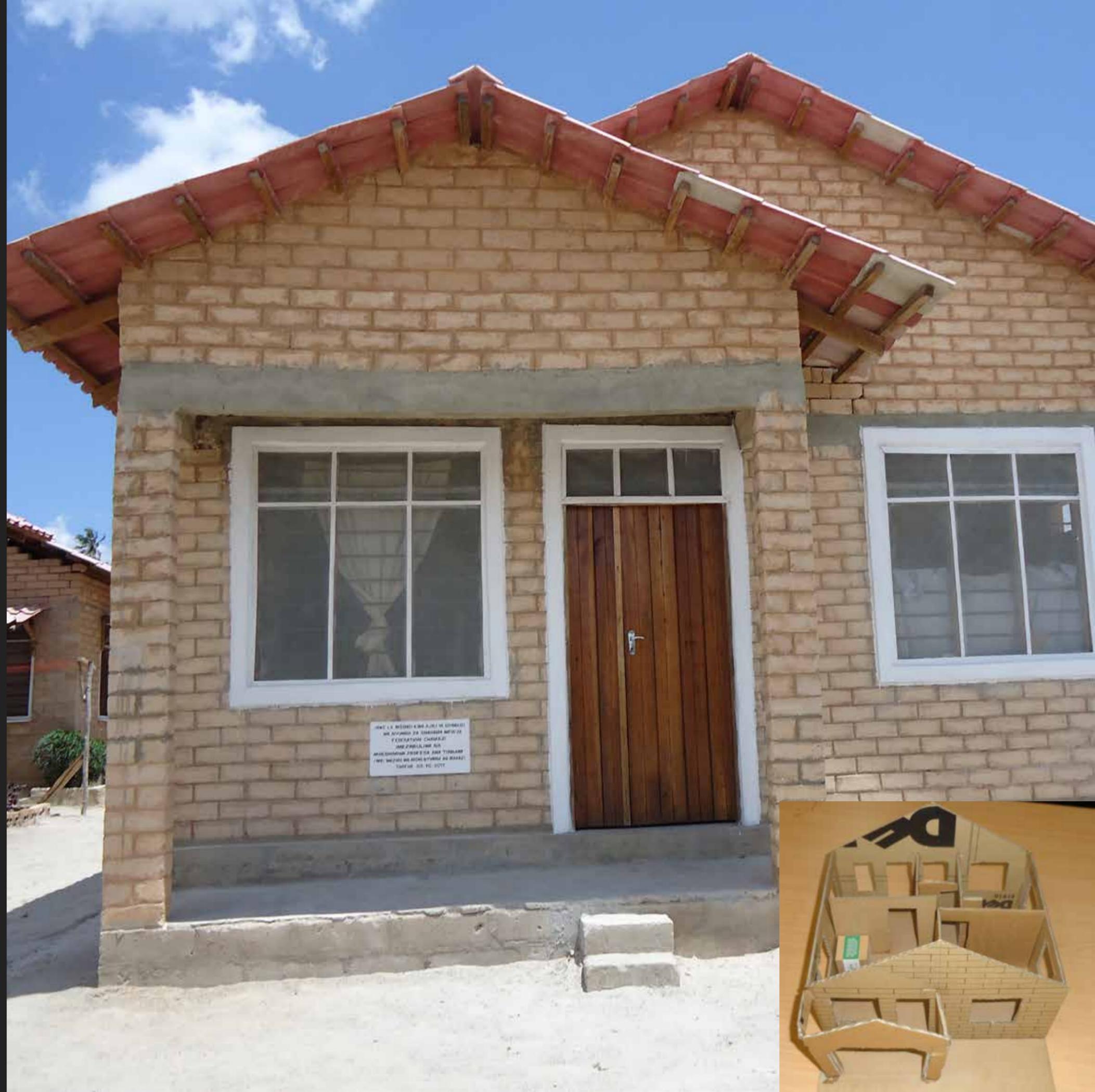
L.T.W. - Cientista Política, 24 anos. Brasil

“Pobreza é basicamente privação à liberdade. Uma pessoa pobre encontra-se com menos o direito de optar, afundada numa circunstância em que sobreviver é o único objetivo que resta. Um indivíduo submetido a esta condição não consegue desenvolver-se plenamente todas as suas potencialidades. Dada esta ausência de desenvolvimento do indivíduo, os filhos dos pobres tendem a perpetuar o ciclo.

A pobreza pode gerar uma situação de desgraça psicológica em que o pobre se vê impossibilitado de enxergar uma solução capaz de tirá-lo dessa condição degradante. Pobreza, por isso, se associa ao anonimato, à submissão e ao desespero. No fundo, é como um “estado de escravidão” que a nossa sociedade ainda não conseguiu abolir. O pobre é escravo do trabalho diário, porque não pode parar. Vive às margens de uma sociedade que ainda não logrou uma distribuição mais justa dos excedentes produzidos.”

R.F. - Pesquisador, 27 anos. Brasil

5 Estudos de Caso



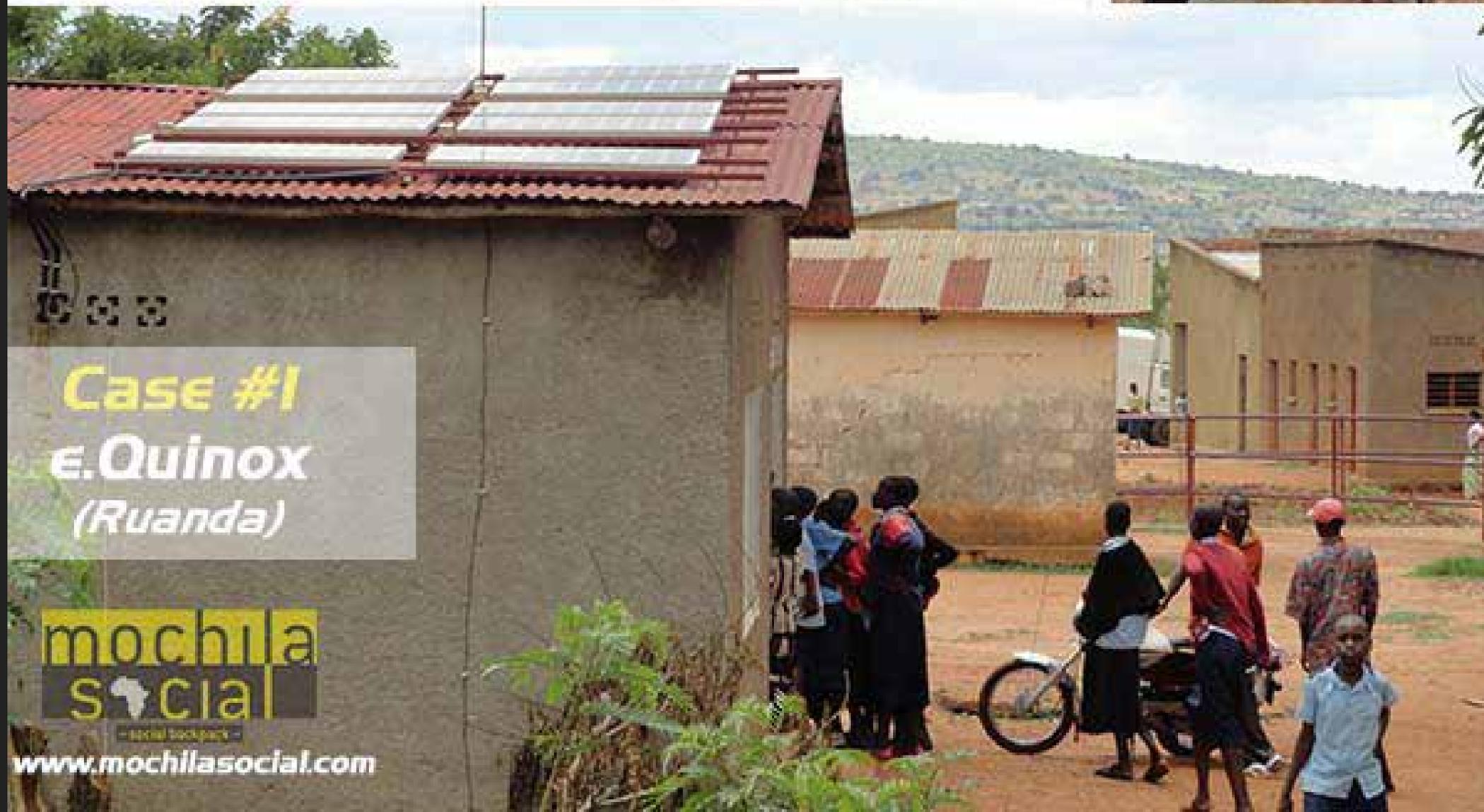
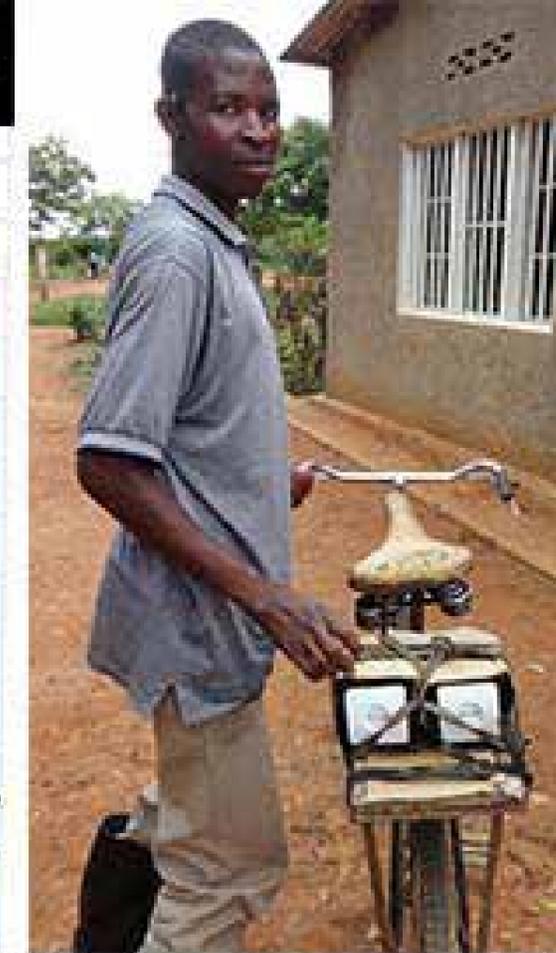
E.QUINOX - Batima (RUANDA/BURUNDI)



Contexto: Vilarejo "isolado" na divisa de Ruanda e Burundi, sem acesso à rede elétrica convencional

Ação: instalação de uma central energética de pequeno porte, baseada em energia solar e capaz de recarregar baterias equipadas com tomadas

Resultado: A comunidade pode se cadastrar e alugar estas "tomadas portáteis" para carregar celulares e utilizar lâmpadas à noite. Gerida pela própria comunidade, o negócio é sustentável financeiramente e gera empregos.



Case #1
E. Quinox
(Ruanda)

mochila social
- social backpack -

www.mochilasocial.com

Para mais estudos de caso, entre em contato!

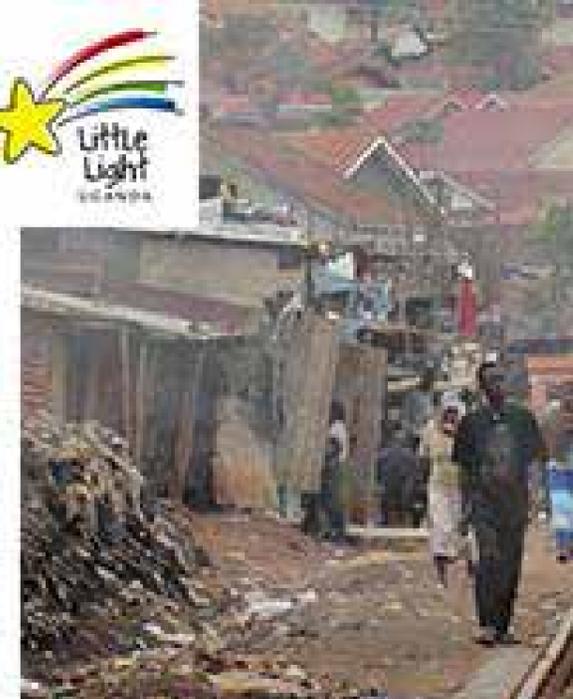
Little Light - NAMUNONGO, UGANDA



Contexto: A FAVELA É COMPOSTA MAJORITARIAMENTE POR REFUGIADOS E POSSUI ALTAS TAXAS DE ÓRFÃOS, COM MUITAS MÃES SOLTEIRAS E CRIANÇAS NASCIDAS NESTE CONTEXTO.

Ação: Como parte de um programa de cooperação internacional, voluntários israelenses e moradores locais uniram-se para desenvolver atividades com as crianças e um centro de apoio.

Resultado: O centro infantil expandiu suas atividades e atua com nutrição, geração de renda para as mães e um complexo jardim de infância com educação de excelente qualidade. Foi criado um grupo de mães, bolsas para crianças saídas da Little Light e bolsas acadêmicas para a "staff" de professores.



Case #2
Little Light
(Uganda)

mochila
Social

www.mochilasocial.com

Para mais estudos de caso, entre em contato!

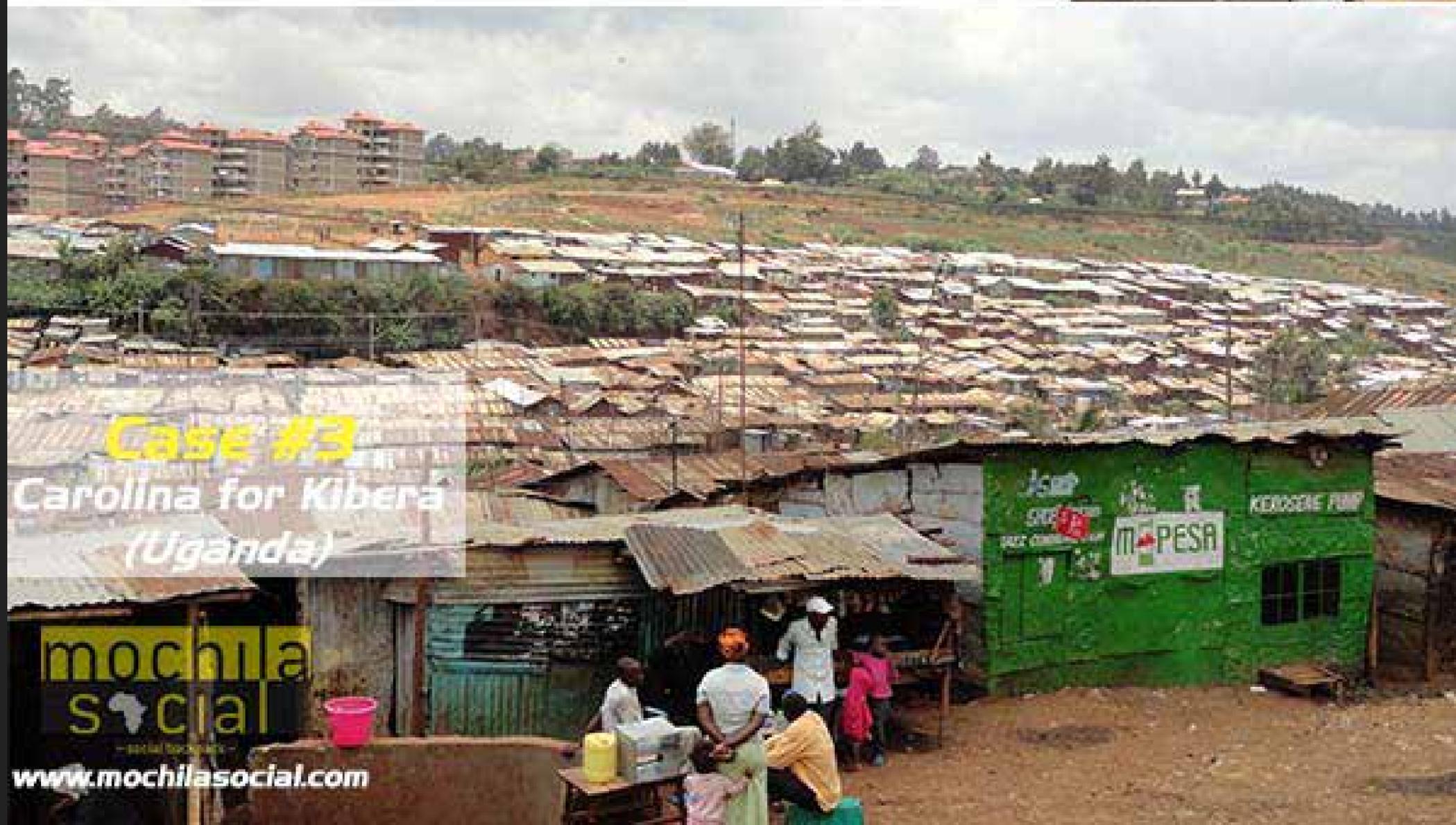
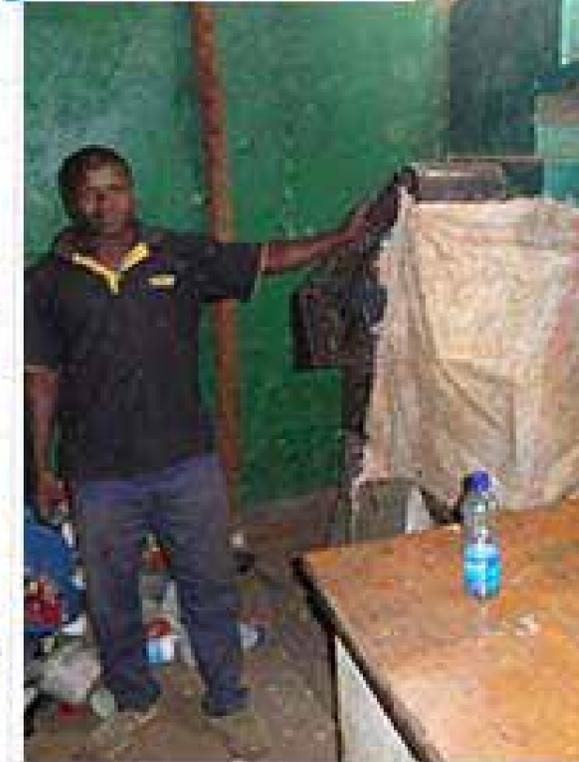
CAROLINA FOR KIBERA - NAIROBI, QUÊNIA



Contexto: A favela de Kibera é uma das mais populosas e complexas da África. A falta de infraestrutura básica põe em risco a saúde dos milhares que vivem ali.

Ação: Com um empréstimo de US\$26,00 criou-se uma clínica médica que evoluiu para um centro de assistência social e intercâmbio com uma universidade americana.

Resultado: A organização tornou-se uma catalisadora de iniciativas - ligadas à saúde ou não - em Kibera. Os constantes auto-reconhecimentos contribuem para a adequação de prioridades e expansão da atuação para outras áreas.



Case #3

Carolina for Kibera
(Uganda)

mochila
social

www.mochilasocial.com

Para mais estudos de caso, entre em contato!

UGO.CO.UG - UGANDA



Contexto: UGANDA COMEÇAVA A APRESENTAR CRESCIMENTO DE USUÁRIOS DE INTERNET, MAS HAVIAM POUCOS SITES E QUASE NENHUM CONTEÚDO PRODUZIDO "LOCALMENTE".

Ação: O PORTAL UGO (como "you go") É UM AGREGADOR DE CONTEÚDO, MAS PROMOVE TREINAMENTOS E PRESSÃO POLÍTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERNET EM UGANDA.

Resultado: O PORTAL ABRIU O DEBATE SOBRE O TEMA E TEM OPERECIDO, ALÉM DE CONTEÚDO RELEVANTE, DIVERSAS OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA LOCAL DE INTERNET. VEM TAMBÉM INFLUENCIANDO POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO



Para mais estudos de caso, entre em contato!

6 Atividades Propostas



I. PLANEJAMENTO: COMO EMPREENDER UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO

Na Introdução do livro, Alex nos conta o momento exato em que comunica seus pais sobre suas intenções de explorar o continente africano. Segundo ele,

“Foi numa conversa trivial pelo Skype que dei a notícia. E foi somente no momento em que as palavras saíram da minha boca que me dei conta da seriedade da proposta:

— Mãe... Pai... Então, ao invés de voltar para o Brasil em julho, decidi que vou passar uns meses na África. Ainda não sei exatamente por quanto tempo ou qual o roteiro, mas se estou o tempo inteiro tentando discutir desenvolvimento social e pobreza, nada mais correto do que ir pra lá. Eu tenho bons contatos e uma boa ideia do que quero fazer... Vou avisando vocês.

— Filho, você inventa cada uma...”

Da hora em que a ideia de viajar pelo leste africano virou realidade para seus pais até o começo da viagem de fato, passaram-se dois meses. O que o jornalista fez neste período? No final da Introdução, ele conta um pouco das suas motivações:

“Com a data de retorno previsto ao Brasil se aproximando, resolvi que era a hora certa de tomar a decisão e planejar o que pudesse ser planejado. Sabia o que queria fazer, porém, tinha uma ideia limitada de quanto tempo e dinheiro ainda teria disponível, mas precisava de uma justificativa: para mim, para meus pais e para a expansão da viagem não planejada. Comecei então a escrever. Naquele momento, ainda compartilhava de maneira ingênua a visão em bloco de um continente-país. Minha motivação era bastante simples: se eu estava interessado, estudando e tentando me aproximar de experiências nas mais variadas formas de desenvolvimento social e pobreza, o continente estigmatizado pelo tema teria que fazer parte do meu itinerário. E assim foi.”

Mas o que é realmente necessário para empreender uma experiência de aprendizado? Neste guia vamos propor um desafio: elaborar um projeto vivencial de aprendizado na sua comunidade. Nesta fase, vamos nos focar principalmente no planejamento anterior ao projeto em si. Para isso, será fundamental dividir os educandos em pequenos grupos, de preferência com interesses e perfis diversos.

1º Etapa: Exploração do Entorno - Diagnóstico

Esta é uma fase importantíssima de qualquer projeto de pesquisa ou intervenção. É a hora de estar com olhos e ouvidos bem abertos e enxergar as oportunidades e necessidades de tudo que está à nossa volta. O autor comenta no capítulo Proposta de Olhar que “o que vemos, sentimos e pensamos influencia diretamente o que fazemos”.

É comum chegar a um lugar em busca de problemas, olhar o que está errado ou ruim e tentar elaborar soluções para estas questões. Porém, é ainda mais importante estar atento às potencialidades deste espaço e quais oportunidades já existem e podem ser desenvolvidas e catalisadas.

Atividade sugerida:

Parte 1. Munidos de máquinas fotográficas, blocos de anotação, caneta e os olhos e ouvidos bem abertos, os educandos terão 30 minutos para percorrer um ambiente potencial de intervenção e registrar tudo o que lhes incomoda. É importante deixar a explicação em aberto, para que cada indivíduo encontre a sua própria definição de incômodo e seja capaz de justificar o porquê.

Parte 2. Reúna os grupos em um lugar tranquilo, onde cada um possa compartilhar suas experiências, o que vivenciou, o que encontrou de incômodo e problemas ao longo do caminho. Neste momento, deixe fluir a conversa, para que seja possível perceber os diferentes olhares sobre a mesma realidade.

Parte 3. Este momento é importante para conscientizar a importância de enxergar os ambientes também pela lógica das potencialidades. A proposta é agora que os educandos voltem ao mesmo ambiente e, por mais 30 minutos, registrem tudo o que acreditam ser um potencial de desenvolvimento, algo que os inspire e seja uma oportunidade de se criar algo novo e benéfico para o espaço.

Parte 4. Passado o tempo, reúna novamente todos em um ambiente e permita que a troca de experiências aconteça. O que mudou? O ambiente mudou ou foi apenas o nosso olhar? E o que o nosso olhar influencia a nossa intervenção? Como fechamento, proponha que este exercício seja feito no caminho da residência de cada um até o ponto de encontro desta atividade. O que há de positivo e negativo em nosso caminho que deixamos de enxergar no cotidiano? E como podemos transformar nosso entorno a partir de diagnósticos mais amplos, mais positivos?

Textos sugeridos (disponíveis para download no site www.mochilasocial.com):

Lya Luft – O Belo e o Bom

Os 12 Passos de Paul Polak



2º Etapa: Planejamento - O que fazer então?

Certo. Temos uma maior clareza de que podemos enxergar oportunidades para além dos problemas que nos saltam aos olhos. Também percebemos que a forma como olhamos para a realidade afeta diretamente o que estamos procurando melhorar. Agora que já treinamos o nosso olhar, é hora de planejar a vivência. Para isso, algumas perguntas simples podem ser muito úteis para definir nosso projeto.

O que queremos fazer?

E por que queremos fazer?

E mais, para que e para quem isto será importante?

Quando faremos? Qual será o tempo de duração desta ação?

Vai haver algum custo? Quanto? E como conseguiremos estes recursos?

Estas perguntas são fundamentais para elaborar o que chamamos de um descritivo do projeto. Agora que temos maior clareza do diagnóstico de onde vamos intervir, é hora de, em grupos, elaborarmos possíveis ações que solucionem problemas ou potencializem oportunidades do nosso ambiente de intervenção. Vamos lá?

Cada grupo deverá responder as questões acima e preencher os pontos-chave abaixo, de maneira sucinta, mas completa.

Introdução (descrição do cenário, diagnóstico)

Objetivos

Justificativa

Atividades planejadas (Cronograma)

Orçamento

Esta é uma atividade que pode ser realizada em ambientes internos ou externos e você, como educador, pode ficar à vontade para criar em cima e trazer temas que sejam diretamente relevantes para o que estiver trabalhando em sala. É possível fazer conexões com matérias como Biologia (exploração de uma área verde e planejamento de uma plantação específica), com história (expedição em busca da história do lugar em contraposição a história brasileira e planejamento de um projeto de registro e comunicação do aprendizado) e por aí vai. Fique livre e sinta-se a vontade para usar a imaginação.

COMPARTILHE SEUS PROJETOS E EXPERIÊNCIAS!



2. SOBRE ESTAR SOZINHO: CRIANDO NOSSA PRÓPRIA IDENTIDADE

“Acredito que a vantagem de estar sozinho é uma certa valorização do próprio jeito de ser e pensar. Uma redução da pressão social em fazer coisas das quais discordamos, mas muitas vezes não temos energias para deixar para trás. Uma oportunidade de priorizar desejos e vontades individuais em detrimento das expectativas que nos cercam diariamente em nosso cotidiano, seja por influência da família, amigos, trabalho, sociedade ou de nós mesmos através do olhar depreciativo pelo qual muitas vezes nos julgamos. Distante do meu cotidiano habitual, pude me permitir a chance de ser quem eu quis ser, organizar meu dia da maneira como acreditava mais interessante e declinar ofertas inadequadas ou desconexas com meus objetivos dentro dessa experiência.”

Às vezes, quando estamos sozinhos, podemos perceber coisas que durante a agitação do convívio social não nos é possível. Ao mesmo tempo, é no contato com o outro, com o diferente, que passamos a enxergar aspectos sobre nós mesmos que desconhecíamos. O encontro com o branco me faz negro e vice-versa. A expedição pela África, mergulhados nas palavras do Alex Fisberg, nos remete a um continente distante, mas nos aproxima a nossa própria realidade. Não é o próprio Brasil um país tão conectado à África? Vamos descobrir tantas formas quantas forem possíveis para através da África enxergar nossa brasilidade.

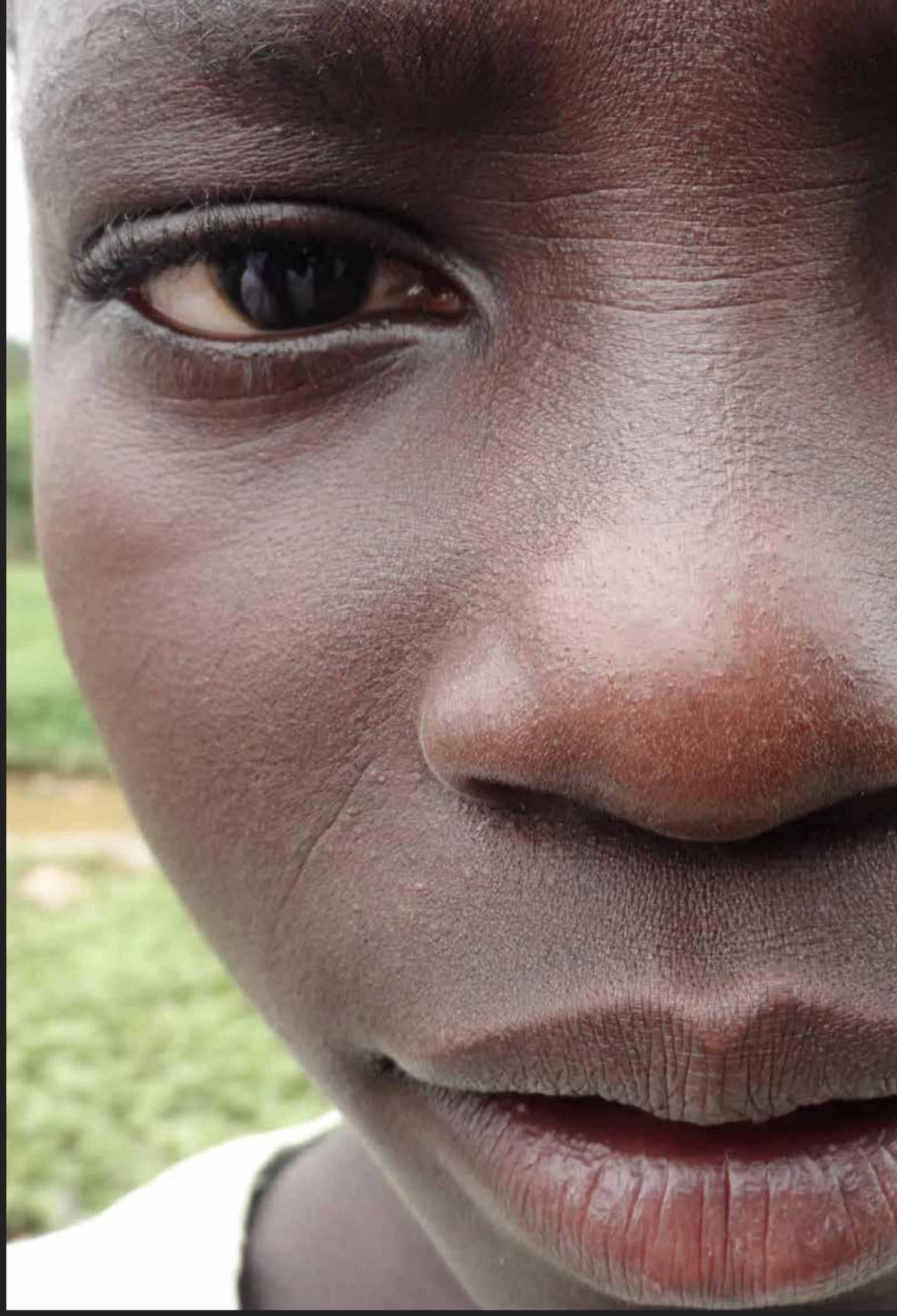
Para isso, vamos propor um pequeno exercício:

Para além dos livros de história, o que você sabe sobre a imigração africana no Brasil? Quando vieram? Em quais condições? E na sua comunidade, há descendentes de africanos? E de outros continentes?

Proponha que cada educando faça uma pesquisa sobre a história de sua família. De onde vieram, em que época e quais as características únicas de cada migração. O que podemos aprender com a história do outro? Que elementos são únicos e quais são os pontos de identificação, que nos fazem todos brasileiros?

Com a pesquisa realizada, faça, junto com seus educando, um mapa colaborativo em que cada um coloque a cidade, região ou país do qual descende. Cada um deve se levantar, ir até o mapa e contar um pouco da sua história para os colegas. Esta é uma grande oportunidade de aprender com a diversidade do nosso país, lembrando que muitas vezes o exterior também nos enxerga como apenas brasileiros, para além das nossas particularidades tão individuais.

Vale trazer fotos e vídeos que ajudem a entender a nossa herança!



3. SOBRE INFLUENCIAR PESSOAS: NOSSO IMPACTO POSITIVO NO MUNDO



Esta atividade está relacionada com o capítulo “Sobre Influenciar Pessoas”, que começa na página 166. A sugestão é que seja feita uma leitura prévia ou conjunta deste capítulo, destacando frases e passagens mais significativas para debates.

Quem descobriu o Brasil?

- 1) Pedro Alvarez Cabral
- 2) Os Espanhóis em 1492
- 3) A Coroa Portuguesa
- 4) Os índios
- 5) Os Estados Unidos
- 6) Deus
- 7) n.d.a.

Mas quem contou para todo mundo, avisou a coroa portuguesa, fez o marketing necessário e colocou o “Brasil” de fato no mapa?

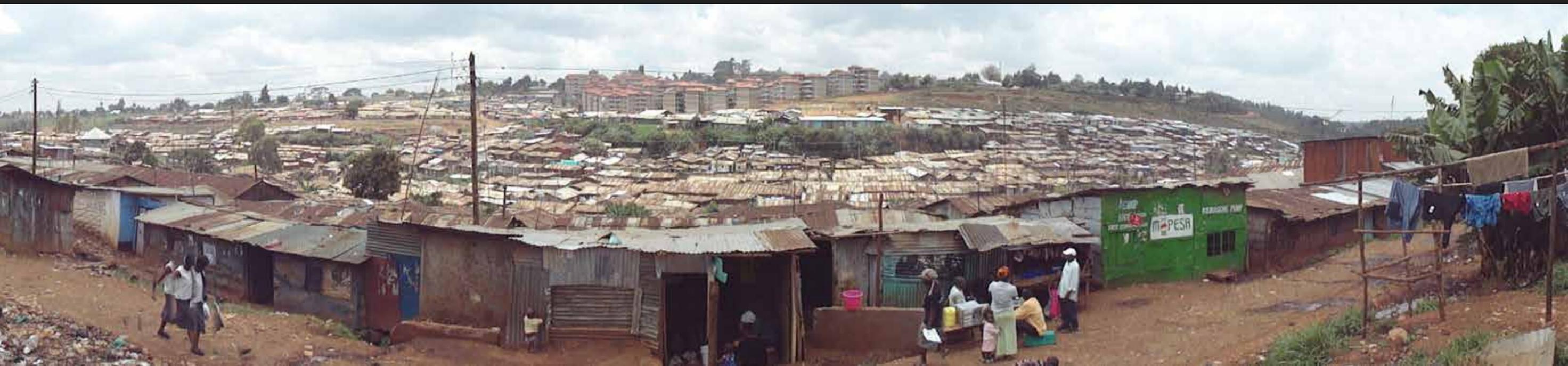
Qual é a importância de escrever, de contar para outra pessoa uma experiência, uma descoberta? Quando guardamos para nós mesmos nossas vivências, aprendizados e descobertas, acabamos por restringir o conhecimento e impedir que nossa contribuição colabore para o crescimento de nossa sociedade como um todo.

Proposta de atividade: “Descobridor por um dia”

Objetivo: Observar tudo pela primeira vez e ser capaz de compartilhar a experiência

- Individualmente, sair pela região por 30 minutos e anotar tudo o que chamar a atenção, parecer novo e for merecedor de um comentário (pensando em contar para alguém que não conhece o que se vê) .Em seguida, reunir todos os descobridores para que eles organizem suas experiências por 15 minutos e as compartilhem com o resto do grupo em uma Carta de Descobrimento.
- Sugestão de leitura: Carta de Pero Vaz de Caminha sobre a Descoberta do Brasil. Analisar a linguagem e os destaques dados pelo autor: para quem ele escrevia? Qual era o objetivo desta carta? Há opiniões pessoais de Caminha na carta? E como isto contribui o atrapalha o relato?

A carta de Pero Vaz de Caminha, com comentários de Alex Fisberg, está disponível para download no site www.mochilasocial.com .



Sugestões de Leitura

- O Fim da Pobreza (Jeffrey Sachs)
- Origens da habitação social no Brasil (Nabil Bonduki)
- A África ensinando a gente (Paulo Freire e Sérgio Guimarães)
- Parceiros da Exclusão (Mariana Fix)
- A bed for the night (David Rieff)
- A ideia de justiça (Amartya Sen)
- A riqueza na base da pirâmide (C.K. Prahalad)
- Por que vocês são pobres? (William T. Vollmann)
- An ordinary man (Paul Rusesabagina)
- Redes sociais, segregação e pobreza (Eduardo Marques)
- As pessoas em primeiro lugar (Amartya Sen e Bernardo Kliksberg)
- Small Change: why business won't save the world (Michael Edwards)
- Breve história das favelas (Luis Kehl)
- Social entrepreneurship (David Bornstein)
- Como Mudar o Mundo (David Bornstein)
- The challenge for Africa (Wangari Maathai)

- Criando um negócio social (Muhammad Yunus)
- The life you can save (Peter Singer)
- Da pobreza ao poder (Duncan Green)
- The white man's burden (William Easterly)
- Elite perceptions of Poverty & Development (Elisa Reis e Mick Moore)
- Um mundo sem pobreza (Muhammad Yunus)
- Filho da Guerra (Emmanuel Jal)
- Veias abertas da América Latina (Eduardo Galeano)
- Luzes da África (Haroldo Castro)
- Vícios Privados, benefícios Públicos (Eduardo Giannetti)
- O banqueiro dos pobres (Muhammad Yunus)
- O homem contra a pobreza (Arthur I. Blaustein e Roger R. Woock)
- O negócio é ser pequeno (E.F. Schumacher)
- Out of Poverty (Paul Polak)
- Desenvolvimento como Liberdade (Amartya Sen)
- Poor Economics (Esther Duflo e Abhijit Aneerjee)

Multimídia

Acesse o site www.mochilasocial.com para sugestões de sites, vídeos inspiradores e material complementar. Mande seus comentários, aprendizados e experiências por meio do site! É uma grande oportunidade de dar e receber feedbacks sobre as atividades e ter contato com o autor.

“
Nós não devemos deixar de explorar.
E o fim de toda nossa exploração
será chegar onde começamos

E conhecer o lugar pela primeira vez”

T.S. Elliot

**Entre em contato para maiores informações,
calendário de atividades e investimento**

Alex Fisberg
Coordenador pedagógico do projeto



**Mochila Social – Um olhar sobre desenvolvimento
social e Pobreza no leste da África.**

Autor e fotos: Alex Fisberg
Assessoria e coordenação pedagógica: Judith Terreiro
Projeto Gráfico do livro: Casa Rex

Mais Informações: (11) 9 9212-4664
alex@mochilasocial.com
www.mochilasocial.com
fisberg.wix.com/alex

www.mochilasocial.com
facebook.com/mochilasocial

